



Do Espaço Urbano às Espacialidades Midiáticas¹

Profa. Dra Carla Reis Longhi (UNIP- PUC/SP)²

Resumo

Temos como objeto de pesquisa a reflexão sobre a esfera pública contemporânea. Esta comporta diferentes vieses de análises, que temos procurado contemplar ao longo do desenvolvimento das últimas publicações. Para esta comunicação privilegiamos a discussão sobre o espaço, ponderando sobre as representações midiáticas do espaço urbano, considerando-se as feições de uma grande metrópole como São Paulo; assim, propomos uma discussão conceitual sobre o espaço; a análise das transformações do espaço na estruturação da esfera pública, bem como, o percurso pelo qual são construídas imagens sobre São Paulo através das mídias, aqui especificamente a mídia impressa.

Palavras-chave

Espaço urbano, representações midiáticas, esfera pública

Introdução

Ao longo de nossa trajetória acadêmica temos desenvolvido a discussão sobre a esfera pública contemporânea; alguns artigos já foram produzidos priorizando as discussões conceituais sobre o conceito de público, as correlações entre o público e o privado e sobre a noção de visibilidade. Neste percurso, notamos o importante papel que o contexto midiático assumiu na configuração da esfera pública contemporânea e, em função disto, passamos a dedicar nossa atenção a dois diferentes aspectos que se condensam na discussão sobre o espaço: o papel assumido pelo espaço urbano e as características dos espaços comunicacionais midiáticos. O entrelaçamento destas tramas, tecendo um novo entendimento do espaço próprio da esfera pública são o foco de nossa comunicação, tendo como pano de fundo a observação do jornal Folha de São Paulo. Apesar do jornal não aparecer como eixo prioritário desta comunicação, sua análise é parte de uma pesquisa em andamento que estabeleceu a observação contínua por um período de seis meses, orientada para o registro das questões relacionada à

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XXXIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Historiadora e Pesquisadora do Programa de Mestrado em Comunicação da UNIP e professora do Departamento de História da PUC/SP



cidade de São Paulo presentes tanto na 1ª. Página do 1º. Caderno quanto no Caderno Cotidiano em sua totalidade. Assim, neste universo de análise, propomos a discussão sobre o ‘espaço’ no qual está inserida a esfera pública contemporânea. Este aspecto será aqui desenvolvido através de três vertentes: uma breve discussão conceitual sobre a noção de espaço; a análise das características do espaço urbano contemporâneo, tomando a cidade de São Paulo como objeto e, por fim, a ponderação sobre alguns aspectos das representações midiáticas do espaço urbano na mídia impressa. Começamos com uma discussão conceitual sobre o espaço. O primeiro aspecto que nos salta aos olhos é o diálogo criado entre Marc Augé e Michel de Certeau na discussão sobre lugares e espaços. A priori constatamos definições distintas, quicá contrárias. Para Augé os lugares são repletos de significação, ajudando a constituir o conceito de lugar antropológico:

“...o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa...Esses lugares têm pelo menos três características comuns. Eles se pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos.” (Augé, 1994, p. 51/52)

Já para Certeau, os lugares conferem um sentido estático, formal, regulatório, sendo ultrapassado justamente pela caracterização do espaço:

“ Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência...Aí impera a lei do próprio: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar próprio e distinto que define...Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais ” (Certeau, 1994, 201)

Indiscutivelmente os autores apresentam conceituações distintas, bem indicadas por Augé “ *O lugar, como o definimos aqui, não é em absoluto o lugar que Certeau opõe ao espaço, como a figura geométrica ao movimento, a palavra calada à palavra falada...*” (Augé, 1994, p. 76) mas, a nosso ver, as grandes distinções se constituem na intencionalidade posta por cada autor. De certo modo, Certeau não nega o caráter constitutivo do lugar, recuperando a construção de sentidos, mas o funda quase como um ‘contrato social’, regras coletivas que se impõe ao indivíduo, deixando transparecer



sua grande questão: a problemática da constituição de práticas nem sempre visíveis ou atestadas, nem sempre comuns ou coletivas ou, como proposto pelo autor, a possibilidade da ‘delinqüência’, aqui transgressão. Como ele próprio colocou, o conceito define um campo: a construção de um método de observação das práticas cotidianas, propondo ultrapassar o lugar coletivo na busca do espaço praticado e este pode ser individual e anônimo, múltiplo e complexo. Assim, a nosso ver, o contraponto proposto por Certeau, na definição do lugar está no fato de que, ao aceitá-lo como constituinte de sentidos, inviabiliza ultrapassar o coletivo aparentemente pacífico e totalizante, na busca dos conflitos, das especificidades, enfim, da multiplicidade. Entendemos este contraponto no contexto de sua própria produção. No momento em que ambos escreviam, a grande questão para a historiografia era a tentativa de pensar a cultura em sua multiplicidade, revendo a perspectiva dicotômica da idéia de cultura culta e popular, ultrapassando assim as vertentes historiográficas vigentes, muito influenciadas pela antropologia e pela sociologia, que encaravam a sociedade como um todo, visão esta tão bem personificada na fala de Le Goff ao definir a história das mentalidades:

“ é o que escapa aos sujeitos particulares da história, porque revelador do conteúdo impessoal de seu pensamento, é o que César e o último soldado de suas legiões, São Luís e o camponês de seus domínios, Cristóvão Colombo e o marinheiro de suas caravelas têm em comum.” (Le Goff, 1974,p.71)

Se compreendemos as distinções propostas por Certeau e sua busca, autêntica e inovadora em seu contexto, em encontrar percursos metodológicos para o trato das questões do cotidiano, propondo a análise das práticas cotidianas no intuito de desvelar o que chamou de delinqüência, ou seja, o registro da transgressão garantindo a constituição do espaço como lugar praticado, concordamos ao mesmo tempo com Augé quando pondera sobre a definição do espaço:

“ O termo ‘espaço’, em si mesmo, é mais abstrato do que o de ‘lugar’, por cujo emprego referimo-nos, pelo menos, a um acontecimento (que ocorreu), a um mito (lugar-dito) ou a uma história (lugar histórico)...A voga do termo ‘espaço’ , aplicado tanto a salas de espetáculo como de encontro (‘Espaço Cardim’, em Paris, ‘Espaço Yves Rocher’, em La Gacilly), a jardins (‘espaços verdes’), a assento de avião (‘Espaço 2000’) ou a automóveis (‘Espace ‘ Renault), comprovam, ao mesmo tempo, termos que povoam a época contemporânea (a publicidade, a imagem, o lazer, a liberdade, o deslocamento) e a abstração que os corrói e ameaça, como se os consumidores de espaço contemporâneo fossem, antes de mais nada, convidados a se contentar com palavras” (Auge, 1994,p. 77/78)



Augé nos aponta para a complexidade do termo na contemporaneidade, disseminando-se em diferentes registros e possibilitando, como indicado pelo autor, uma condição de abstração potencialmente corrosiva e ameaçadora. Devemos lembrar, também, que o conceito de espaço se constitui no diálogo com o conceito de tempo, entrelaçando dois aspectos que possuem especificidades marcantes na contemporaneidade. Esta instituiu a vivência do tempo imediato, através das possibilidades de seus variados suportes midiáticos. Esta lógica altera o entendimento e a vivência do espaço físico, da constituição do lugar, propiciando os processos de desencaixe (Giddens, 2002) que geram a vivência do tempo desconectada das características do espaço físico, diluindo lógicas de pertencimento e reconhecimento que se davam na vivência da temporalidade a partir de características do local. Nesses processos múltiplos e complexos, o próprio espaço físico se altera, em função das novas sociabilidades que se constituem e a partir das influências que provoca nestas mesmas sociabilidades. Assim, pensemos neste momento sobre o espaço a partir de dois aspectos: as mudanças mais visíveis do espaço físico, no nosso caso, urbano e a estruturação de novos espaços constituintes de sociabilidades. É no entrelaçamento destas noções (transformações do espaço urbano e constituição dos espaços midiáticos) que construiremos nossa comunicação, ao ponderarmos sobre as representações midiáticas do espaço urbano, tomando como base, as representações constituídas sobre a cidade de São Paulo em um de seus principais jornais, o jornal Folha de São Paulo.

Para tanto, seguimos com uma pequena problematização sobre o espaço urbano. São Paulo tem características comuns às grandes metrópoles, refletindo condições que são próprias desta modernidade líquida (Bauman, 2007). Como já indicado, o fator preponderante é o da alteração da vivência do tempo. A valorização e predominância da vivência do ‘tempo imediato’ reformula diferentes aspectos da vida em sociedade. Tomando a proposição de Milton Santos (Santos, 2006) vemos a disseminação da visão ‘do mundo como fábula’, criando um imaginário social de controle sobre o tempo e sobre o espaço, num simples movimento das mãos; aqui, são construídas imagens positivas de superação e domínio, através das tecnologias da informação que aparentemente globalizam o mundo. Mas, como indicado pelo autor, há ‘o mundo como perversidade’. Estas mesmas tecnologias de informação criam as condições para os setores econômicos estabelecerem relações comerciais/ produtivas e financeiras sem necessariamente construírem relações simbólicas. Há uma profunda distinção entre aqueles que têm capacidade de movimentação e aqueles que estão presos a lugares; a



fábula não expõe a capacidade perniciosa de intensificar as diferenças sociais que a globalização possibilita, daí a perversidade. Os atores móveis, os turistas de Bauman (Bauman, 1999), perdem a responsabilidade sobre os lugares, sendo desonerados destes últimos laços com os locais. Notamos neste imaginário que o lugar, de âmbito de pertencimento e acolhimento, torna-se estorvo e limitação.

Conjuntamente com estes fatores, temos a questão propriamente demográfica. Cidades com este perfil cresceram desmesuradamente no último século e isto trouxe, certamente, fortes conseqüências para a configuração de seu espaço urbano. O adensamento populacional, no contexto da modernidade líquida, gera problemas de ordens distintas e propomos a discussão de dois aspectos relacionados ao mesmo enfoque: o apontamento de teóricos sobre esta problemática e algumas proposições de solução urbana.

Canclini (2002) percorre a proposição de diferentes teóricos³ e conclui que o elemento priorizado ao se tomar esta problemática foi a necessidade de circulação. Aqui, mais uma vez, prepondera a nova vivência da temporalidade; se o tempo é o imediato, a cidade precisa constituir modelos de funcionalidade que garantam esta prerrogativa; notamos que no processo de desencaxe o tempo prescinde do espaço, ganha vida própria na constituição de outros espaços e o espaço urbano sofre modificações no intuito de garantir a realização desta noção de tempo. Assim, a cidade precisa ter mobilidade e o aumento populacional excessivo gera a criação de estratégias para isso. O discurso da circulação autoriza a remodelação urbana, garantindo o traçado de grandes avenidas em prejuízo de praças, parques e campinhos de futebol. Esta configuração altera a ocupação destas avenidas que inviabilizam gradativamente o comércio de rua, as moradias horizontais, a ocupação das ruas para a contemplação e ócio. Esta nova forma de ocupação, acompanhada do signo da mobilidade, é reforçada pela presença gradativa e contínua de novas tecnologias da informação, agora na versão dos equipamentos de convergência midiática, que alteram a relação de qualquer pessoa com o espaço urbano que frequenta ou percorre. Estas tecnologias aprofundam o já contínuo processo de desterritorialização e conseqüente desenraizamento social, criando o que Lemos denominou de ‘territórios informacionais’:

“Por territórios informacionais compreendemos áreas de controle de fluxo informacional digital em uma zona de interseção entre o ciberespaço e o

³ Retoma proposições de Castells, , Piccini e Martim-Barbero.



espaço urbano. O acesso e o controle informacional realizam-se a partir de dispositivos móveis e redes sem fio. O território informacional não é o ciberespaço, mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico”(Lemos, 2007,p.128)

Este tipo de realidade cria novas formas de interação com o espaço urbano e conseqüentemente com as pessoas, destituindo este mesmo espaço de todas as suas anteriores funções de integração social. Assim, a vivência de lugares coletivos como praças e parques não viabiliza, obrigatoriamente, as interações sociais entre os freqüentadores. É cada vez mais comum encontrarmos pessoas sentadas nos bancos de praças com seus i-pods, lap tops, i-phones, absolutamente ausentes do espaço físico, mas inseridas em outras lógicas espaciais, daí a idéia dos ‘territórios informacionais’. Ao mesmo tempo, com o discurso da circulação vem o discurso da funcionalidade, transformando a dinâmica urbana para torná-la funcional. Neste processo Lipovetsky (1991) aponta para o problema de se atomizar a cidade. Em seu entender, as antigas formas de organização urbana que continham, em uma mesma rua, estabelecimentos públicos, comerciais de diferentes setores e privados, garantiam a circulação de diferentes grupos sociais e o contato aleatório, criando possibilidades de interações sociais informais. As novas configurações urbanas, que procuram responder à necessidade de fluxo e segurança, circunscrevem setores produtivos em áreas restritas, inviabilizando o contato aleatório. Vemos este modelo em diferentes projetos urbanísticos.

Como indica Abrahão (Abrahão, 2008), em 1993 o Congresso para o Novo Urbanismo ocorrido em Chicago propôs uma nova concepção urbanística, que se por um lado, tinha como intenção oferecer soluções que recuperassem a vida com características comunais, por outro lado, acabou contribuindo para a disseminação de modelos fechados e auto-centrados, favorecendo a geração dos bairros planejados, tais quais algumas versões brasileiras como os projetos de Alphaville, Tamboré, etc. Encontramos semelhanças nas proposições de centros comerciais e de lazer fechados e controlados tais quais os shoppings centers, os parques temáticos etc.

O discurso da necessidade de mobilidade aliada à busca de um suposto conforto e segurança favorecem o esvaziamento do espaço urbano de grandes metrópoles como São Paulo, dispersando as pessoas em circulações rápidas e concentrando-as em ambientes com ideologias previamente estabelecidas e proposições de padrões de comportamentos homogeneizantes e controlados. Novamente é a vivência do tempo que



fundamenta a circulação e a funcionalidade e ambos favorecem o capital em oposição aos vínculos; mais uma vez, notamos a imagem da fábula e a prática da perversão. Assim, a cidade é atomizada, segregando os diferentes grupos sociais em ambientes moldados às suas próprias características, voltadas à lógica do consumo: são espaços de compras, de entretenimentos previamente traçados e de trabalho; a segregação apresenta-se de modo sutil, através dos cerceamentos econômicos: altos preços para os estacionamentos acompanhados de localizações distantes de transportes coletivos; áreas de consumo com poucas opções para gastos restritos; lojas dirigidas a públicos específicos. Ao mesmo tempo, considerando-se o público visado, estes espaços direcionam o comportamento; isto é garantido tanto pela organização do espaço físico, sem áreas de ócio, quanto pela própria vivência do tempo, impondo-se agilidade nas horas de refeições, nas áreas de alimentação; neste processo, anula-se o tempo da interação, da reflexão e da criação, bem como, os espaços de conflitos, naturais e necessários às interações sociais, definindo novos modelos de sociabilidade que não pressupõe a existência do Outro e do que precisava ser comum. O mesmo homem que, segundo Bauman (Bauman, 1999), opera suas atividades financeiras sem tomar contato com o lugar, desonerando-se das responsabilidades, viaja pelo mundo hospedando-se em não-lugares (Augé, 1994) e circulando pelos espaços como turista, mora em condomínios fechados sem contato com outros grupos sociais de sua própria cidade. Aqui, mais uma vez, referimo-nos aos turistas ‘baumanianos’ e não acreditamos que estas modalidades sirvam a todos os atores e grupos sociais.

O fato de vislumbrarmos o enxugamento do espaço urbano como esfera pública não indica o esvaziamento dos espaços comunicativos; estes se transformam e se ampliam em espaços vinculados às diferentes modalidades de comunicação, que se multiplicam e se disseminam com as novas tecnologias de informação. Todo espaço, contudo, se estrutura em função das características materiais que lhe constituem e pelas dinâmicas sociais possíveis e efetivadas nestas mesmas espacialidades, além, da lógica espaço-temporal predominante. Para nós, o espaço urbano trazia duas especificidades importantes não mais presentes nestas novas espacialidades: primeiro havia a possibilidade contínua de sua ocupação e controle (mesmo que temporário) por todos os setores sociais e segundo, o espaço urbano se constituía numa lógica temporal que privilegiava o ritmo de sua própria ocupação e registro de sua história, ou seja, o tempo era o tempo vivido pelos personagens em questão. Em qualquer momento histórico, os diferentes grupos puderam ocupar as ruas, as praças, às frentes dos prédios públicos



com passeatas, greves, barricadas, eventos culturais; com o apoio ou repúdio dos outros personagens sociais e o contínuo risco do enfrentamento e repressão, constituindo um espaço vivido e conferindo-lhe dinamismo e tensão. Como espaço vivido, ganhava visibilidade pública no contexto da própria ocupação; assim, os significados se constituíam através da ação dos próprios atores sociais, tornando-se produtores das imagens, múltiplas e muitas vezes contraditórias que constituiriam o imaginário social. Ao mesmo tempo, estas interações, ocupações e confrontos podiam moldar sua própria temporalidade, instituída pelas nuances do próprio evento. Os novos espaços comunicacionais midiáticos, tomando-se aqui a mídia impressa como meio de reflexão, inviabilizam o acesso e o controle sobre o espaço midiático, cindindo o sujeito na relação- ato social e imagens constituídas. O problema não está na constituição de imagens elaboradas por diferentes atores sobre um mesmo fato social, situação esta recorrente na história; a questão é a do papel assumido por estas mídias nas sociedades contemporâneas e do sentido instituído por estas imagens midiáticas, considerando-se o agravante, de que a temporalidade passa a ser gestada pelas lógicas midiáticas, gerando o duplo distanciamento do sujeito (não domina a produção das imagens predominantes e não controla o tempo) Ponderemos sobre os dois aspectos. Como coloca Ferrara:

“...se a experiência supõe conhecer o mundo no seu recorte fenomênico, a representação supõe estabiliza-lo para que seja possível um conhecimento, ainda que aquelas representações sejam frágeis e parciais.” (Ferrara, 2007,p.12)

Esta frase aponta para o sentido instituído pelas imagens midiáticas: a imagem midiática, como representação, busca estabilidade e, como representação, constitui realidades. Como os atores sociais não tem acesso à produção destas imagens, estas passam a ser geridas por grupos econômicos e setores sociais que definem as representações sociais. Assim, pontuamos aqui alguns aspectos da constituição do sentido da imagem midiática. Em primeiro lugar, já indicamos uma questão ideológica de definição da imagem. Em segundo lugar, ponderamos sobre a própria lógica de constituição deste meio e destas imagens. Esta proposição é contemplada por Martín-Barbero (1997) quando discute as características dos meios e os processos de mediações por estes gerados. Martín-Barbero entende que as tecnologias geram formatos industriais que organizam ritualidades específicas, na constituição das mediações, tornando-se necessário refletir sobre os rituais contidos no ato da recepção,



condicionados pela lógica de organização do próprio suporte e da proposição da informação nestes mesmos suportes. Assim, segundo o autor, estas ritualidades estão relacionadas aos procedimentos de constituição da memória, da constituição das ‘gramáticas do olhar’, regulando os processos de interações sociais e as constituições de significações. No caso dos jornais impressos, estas ritualidades relacionam-se diretamente à constituição destes novos espaços comunicacionais. O mesmo é discutido por Chartier (1994) quando afirma que nenhum texto existe fora de seu suporte, trazendo como prerrogativa inicial, parafraseando o autor, a idéia de que se deve ‘considerar o texto, o objeto que comunica o texto e o ato que o apreende’.

Imediatamente nos chama a atenção o fato da fragmentação e dispersão da informação jornalística. Quando retomamos o Caderno Cotidiano confirmamos o que o leitor pressente na sua leitura diária: não há uma organização interna do caderno, que mantenha prerrogativas temáticas ou espaciais, gerando uma grande variação da tipologia da informação. As matérias são variáveis em seus temas (por exemplo, não há a certeza de que sempre discutirá educação, transportes, etc...estes aspectos vão variar conforme as notícias em voga), tamanhos e formatos de construção; além disto, dividem o espaço do jornal com as publicidades, muitas vezes perdendo na concorrência do espaço. A nosso ver, retomando as proposições de Chartier e Martín-Barbero, esta lógica do texto como objeto que comunica é dispersante, fragmentada e reafirma a noção de tempo imediato, dificultando o armazenamento da informação na memória, ao mesmo tempo em que nos lembra que esta memória pode ser retomada por arquivamentos exteriores à mente humana. Ao mesmo tempo, reforça no leitor a falta de linearidade e a escolha temática pela emergência dos fatos. Há, assim, uma sugestão de leitura, conformando uma ‘gramática do olhar’, favorecendo a identificação de temáticas de reconhecimento fácil ou de busca do inusitado, pois na dispersão de informações (imagens, textos, aspectos infográficos, cores, diagramação) e fragmentação de conteúdos (propondo muitas vezes diferentes assuntos na mesma página ou um assunto acompanhado de intensa publicidade), o sujeito vistoria os elementos reconhecíveis ou chamativos. Observemos o recorte de algumas matérias:



Dia 16/07 Caderno Cotidiano-C6- Remoção adiada

Prefeitura de SP adia remoção de favela

Decisão foi tomada após moradores barrarem ontem de manhã o acesso dos funcionários municipais ao local, na m...

Segundo a Sehab, mudança de planos não representa o cancelamento da remoção nem abre discussão sobre verba oferecida às famílias

ROBERTO MADUREIRA
EM SÃO PAULO
DO "AGORA"

A Sehab (Secretaria Municipal da Habitação) de São Paulo adiou por tempo indeterminado a desapropriação dos barracos da favela do Sapo, situada na Água Branca (zona oeste), na pista local da marginal Tietê.

A decisão foi tomada após moradores barrarem ontem de manhã o acesso dos funcionários da prefeitura ao local. Segundo a Sehab, a mudança de planos não representa o cancelamento da remoção nem abre discussão sobre benefícios oferecidos às famílias, ao contrário do que disseram os representantes dos moradores,

em tom de comemoração.

De acordo com os moradores, a suspensão temporária da demolição foi feita com a condição de que não sejam erguidos novos barracos na favela.

"Se alguém levantar um barraco, a prefeitura entra", afirmou o advogado dos moradores, Benedito Barbosa.

De acordo com a Sehab, serão oferecidos de R\$ 1.500 a R\$ 5.000 para as famílias que estão vivendo na favela há mais de um ano.

As 80 famílias que chegaram depois de ter sido concluído o cadastro das famílias não terão direito ao benefício. A secretaria afirma que 455 famílias foram cadastradas em junho.

O defensor público Carlos Moreira ajudou ontem uma ação civil pública para garantir atendimento a todas as famílias. Uma audiência de conciliação na Justiça foi marcada para o dia 23 de julho.

Na noite de anteontem, um

grupo de moradores chegou a fechar a marginal Tietê por 14 minutos. Ontem pela manhã, eles bloquearam a entrada da favela com lajeões de lixo e pedaços de madeira, pedindo melhoria nos benefícios e inclusão de todas as famílias.

A subprefeita da Lapa, Soninha Francine, disse ser contra a paralisação do processo de remoção, mas a favor de um diálogo com a população.

"Quando se interrompe [o diálogo], o problema é agravado. Com certeza há muita gente sofrendo ali, mas há também quem tenha interesse no conflito", afirmou a subprefeita.

Segundo a Sehab, o desentendimento com os moradores não deve atrapalhar dois grandes planos urbanísticos previstos para a região: a Operação Urbana Água Branca, que prevê a construção de condomínios verticais e espaços públicos, e o projeto da Nova Marginal do Tietê, anunciado em junho.



Favela do Sapo, na Água Branca (zona oeste), onde a desapropriação dos barracos

25/ 08- Cotidiano- Desocupação do Capão Redondo- Capa + C4

cotidiano
FOLHA DE SÃO PAULO

Desocupação termina em confronto entre polícia e sem-teto

Cerca de 2.000 pessoas viviam na favela, no Capão Redondo; moradores fixaram barricadas e incendiaram dois carros

SIMULADO ABERTO

Novo enem

SAB., 29/08 - DOM., 30/08 | Horário: das 13h às 18h

PARTICIPE DO MAIOR SIMULADO NOVO ENEM!
CONTIHA ABERTO AS 144 CIDADES SEM, LOCALIZADAS EM 141 ESTADOS DO BRASIL

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES GRATUITAS
WWW.SIMULADONOVONENEM.COM.BR

06/08 Cotidiano- C3 – Protesto na Brasilândia – página inteira e destaque

Moradores bloqueiam com pne

VILA BRASILÂNDIA

Moradores fazem protesto contra lama na rua

LUIS EDUARDO SOUZA
DO "AGORA"

Cerca de 200 moradores da Vila Brasilândia — na zona norte de São Paulo — bloquearam a avenida Deputado Cantídio Sampaio, entre as 18h e as 20h30 de ontem. Em conflito com a PM, um manifestante e um policial se feriram.

Eles protestaram contra a lama deixada todos os dias na rua por cerca de 700 caminhões de lixo que circulam em um aterro próximo ao local.

Os manifestantes fecharam a via atando fogo em entulhos. Além disso, também atiraram pedras e rojões contra a Polícia Militar. Para dispersar a multidão que se formou, a PM usou gás lacrimogênio.

Um morador e um policial saíram feridos da manifestação de rua. Quatro pessoas foram detidas.

A avenida Deputado Cantídio Sampaio foi liberada depois de um acordo com a Polícia Militar, que prometeu passar as reivindicações dos moradores ao poder público.



Dia 27/08- Cotidiano-C1- Enfrentamento de moradores após morte de jovem	Dia 02/09-Cotidiano- C1-Confronto em Heliópolis- morte de jovem
	

Dois aspectos justificam esta seleção de recortes de matérias jornalísticas: o sentido de lugar que vai sendo reforçado pelas mídias impressas e a apresentação visual das matérias. Retomando a discussão de Bauman sobre a importância dada ao território pelo homem contemporâneo, vemos que o lugar é cada vez mais identificado com o desconforto, com o aprisionamento, com a incapacidade de mobilidade. É interessante notar que no período de seis meses de edições diárias, a maioria das matérias que se referiam a organizações coletivas de reivindicações apresentava setores desamparados socialmente. Excetuando-se estas matérias, só encontramos as greves de professores estaduais e os conflitos na USP, também relacionados à educação e ambos bastante desgastados em seus modelos e perspectivas, tanto que os dois movimentos acabaram sem atingir as metas iniciais; outra situação apresentada foi o anúncio da Parada Gay, que oferece outro tipo de parâmetro para o evento coletivo, parâmetro este que não se relaciona às especificidades do lugar; ao contrário, trata-se de evento mundial. Assim, as representações de reivindicações coletivas ligadas a questões próprias do lugar referiam-se aos problemas específicos das favelas de São Paulo. Foram estas as principais, com textos longos e temáticas que se repetiram em outras edições: 1. a desapropriação das barracas da Favela do Sapó, zona Oeste; 2. Protesto de Moradores da vila Brasilândia, Zona Norte; 3. Desocupação de favela do Capão Redondo, Zona



Sul; 4. Manifestação dos moradores do Jardim Filhos da Terra, Jaçanã, Zona Norte, em função de morte de jovem por policial; 5. Morte de jovem por bala perdida gera conflito na favela de Heliópolis, Zona Sul. Em todas havia carência de infra-estrutura, necessidades básicas não atendidas e falta de perspectivas de ação pública positiva; no geral agiam de forma defensiva, em resposta à violência ou ao destrato.

Esta lógica de visibilidade das questões coletivas, continuamente noticiada, revela, por um lado, as semelhanças nas imagens reafirmadas. Parece quase proposital o modo de diagramação das matérias dos dias 27/08 e 02/09 intencionalmente aqui colocadas lado a lado. A um leitor desavisado, pareceria a mesma matéria; ao ler, tem conteúdos muito parecidos: são amplamente reconhecidos. Por outro lado, se associa a esta lógica um outro tipo de matéria insistentemente publicada: o espaço urbano como espaço da violência; matérias sobre roubos, assaltos, mortes, enfrentamentos com policiais são contínuos. Esta composição temática constrói uma imagem da cidade: é um espaço perigoso, pouco convidativo e nada acolhedor. Vemos então, que as mídias massivas em geral e, aqui o jornal impresso em particular, acabam por simplificar ou homogeneizar uma imagem de cidade.

“ Nessa mimese ou paráfrase, a cidade se repete e se sincroniza através de diversas tecnologias, meios e, sobretudo, outras mídias. Situando-se entre mídias, a cidade é um eixo gerador de uma midiologia cuja lógica é, de um lado, responsável pela sua presença constante como base temática em várias mídias e sobretudo naquelas de massa e, de outro lado, promove o diálogo entre as mídias que nela atuam e com ela interagem estabelecendo-se, entre elas, uma intensa economia persuasiva.” (Ferrara, 2008,p.46)

Estas imagens ganham autonomia em função de sua ampla visibilidade e intensiva propagação, repetida e alimentada pelas diferentes mídias. Este processo instiga uma leitura sobre a cidade, imposta e recomposta na contínua reprodução e proliferação em outras mídias. E por que ganham tanta visibilidade? Entendemos que por que o homem traz a necessidade de contemplar a totalidade, acompanhada da característica da própria cidade que dificulta sua posse e da temporalidade que provoca a premência. Cria-se a nosso ver uma dicotomia na lógica contemporânea da relação homem – espaço. Ao mesmo tempo em que o homem se distancia do espaço físico, no caso urbano, para a constituição de suas referências e formas de sociabilidades, ele mantém a necessidade de uma imagem de todo deste mesmo espaço urbano do qual faz parte e abre mão, fundamentando o papel das mídias massivas na constituição de imagens de totalidade. Dialogamos com Certeau na ponderação sobre esta questão:



“ a que erótica do saber se liga o êxtase de ler tal cosmos? Apreciando-o violentamente, pergunto-me onde se origina o prazer de ‘ver o conjunto’, de superar, de totalizar o mais desmesurado dos textos humanos. Subir até o alto do World Trade Center é o mesmo que ser arrebatado até o domínio da cidade. O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima; nem possuído, jogador ou jogado, pelo rumor de tantas diferenças e pelo nervosismo do tráfego nova-iorquino. Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores. Ícaro, acima dessas águas, pode agora ignorar as astúcias de Dédalo em labirintos móveis e sem fim. Sua elevação o transfigura em voyeur. Coloca-o à distância. Muda num texto que se tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitiçava e pelo qual se estava possuído. Ela permite lê-lo, ser um Olhar solar, um olhar divino. Exaltação de uma pulsão escópica e gnóstica. Ser apenas este ponto que vê, eis a ficção do saber.”
(Certeau, 1994, p. 170)

Certeau pontua dois aspectos essenciais na relação que o homem estabelece com o seu redor, seja ele chamado de comunidade, sociedade, espaço urbano, esfera pública: a necessidade de vislumbrá-lo numa dimensão totalizante garantindo, ao mesmo tempo, uma outra aparente certeza: a constituição do saber sobre este espaço e logo sobre si próprio. Numa observação diacrônica notamos este duplo processo efetivado por um lado, pela possibilidade de circulação na totalidade do espaço e, num segundo processo, pelas imagens criadas para garantir este domínio. Na atualidade ocorre um processo de fragmentação urbana, advindo tanto da atomização descrita e das possibilidades propostas pelas novas tecnologias quanto pelo crescente adensamento urbano que inviabiliza a leitura sobre a cidade. O morador da cidade e o visitante perdem a capacidade de compreender a cidade em sua totalidade. Esta se constitui e se mostra fragmentada, característica esta de nossa contemporaneidade que leva à necessidade de meios que gerem imagens de totalidade, constituídos agora pelas mídias massivas. Isto indica, por um lado, a necessidade humana de buscar compreensões em imagens totalizadoras, como destacado por Certeau, que seriam as referências sobre o que é comum, o que constitui a realidade para a maioria e, por outro lado, apresenta o papel que as mídias massivas assumem na constituição das referências sobre este público, então, sobre a realidade e, logo, sobre o próprio homem. Vemos que a forma como a cidade se organizou, pautada por uma nova lógica espaço-temporal, levou à necessidade de criação de novos processos de mediações para a leitura sobre a mesma. Esta circunstância gera desdobramentos e estes se relacionam ao papel assumido pelas mídias e ao significado de se construir referências sobre a realidade a partir de representações. É a lógica das representações, pautada pela noção de tempo imediato



que fundamentam as novas espacialidades que estruturam a esfera pública contemporânea.

Bibliografia

ABRAHÃO, Sérgio Luís. **Espaço Público- do urbano ao político**, SP, Annablume, 2008

ARENDT, Hannah.- **A Condição Humana**,RJ, Forense Universitária,2000, 10ª edição.

AUGÉ, Marc. **Os Não Lugares**. Campinas, Editora Papirus,1994.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa, Relógio D'Água, 1991.

BAUMAN, Z. (2004) **Vida líquida**, R.J. Jorge Zahar, 2007.

_____. **Identidade**, RJ, Jorge Zahar, 2005.

_____. **Globalização-** as conseqüências humanas, RJ, Jorge Zahar,1999.

_____. **Comunidade**, R.J., Jorge Zahar, 2003

CANCLINI, Nestor G. **Consumidores e Cidadãos**, R.J, Editora UFRJ, 2006, 6. ed.

_____. **Culturas Híbridas**,S.P, edusp,2006, 4. ed.

_____.Cidades e Cidadãos imaginados pelos meios de Comunicação IN **Opinião Pública**, Campinas, vol. VIII, n.1, 2002

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**, SP, Vozes, 1994, tomo I

FERRARA, Lucrecia. Cidade: meio, mídia e mediação IN **Revista Matrizes**, São Paulo, ECA/USP, 2008, Ano1, n. 2.

_____.**Espaços Comunicantes** (org.), SP, Annablume, 2007



- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- LE GOFF, Jacques. “ As Mentalidades: uma história ambígua” IN Le Goff, J. e Nora, Pierre. *História – Novos Objetos*, RJ, Francisco Alves, 1974
- LEMOS, André. *Cidade e Mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informais* IN **Revista Matrizes**, n.1-2007
- LIPOVETSKY, Gilles. *Espace prive, espace publique à l'âge postmoderne* IN **Citoyenneté et Urbanité**. Paris, Edições Esprit, 1991.
- LONGHI, Carla Reis. ‘O Filme Capote: abordagens sobre os espaços público e privado’ IN **Revista Significação** , n. 25, 2006.
- _____. ‘Origens do Conceito de Opinião Pública: um diálogo entre Hannah Arendt e Jurgen Habermas’ IN **Revista Comunicação e Sociedade**, n. 46, ano 2006
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. RJ, Ed. UFRJ, 1997.
- SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização**, RJ, Record,2006.